

Impresso  
na  
Câmara Legislativa  
do Distrito Federal

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de

**Raquel**  
de Queiroz



□ ALEX COJORIAN

# Pícaros no Brasil?

Sempre tem alguém que logo comenta: "Fulano é mesmo um pícaro"; ou é outro que vem e fala de uma cena "picaresca". Para o Aurélio, trata-se de sujeito ardiloso, astuto, velhaco, patife, vigaris-

ta, e antes finório que fino, esperto, sagaz. Também quando se fala em picaresco, dir-se-á burlesco, cômico, ridículo. Em literatura, referir-se-á ao tipo de personagem travesa, bufona, ardilosa, que vive de

expedientes, a expensas das várias classes da sociedade.

Bufão, amarelinho, malandro. No Brasil, sempre há quem esteja desejoso – para não dizer todos nós – de dar um jeitinho na sua situação, esse jeitinho tão proverbial do brasileiro, herança talvez da iniciativa particular nos tempos coloniais, necessidade de minimamente garantir o seu, social e territorialmente, dada a ausência do braço ordenador da metrópole sobre o concerto social em formação.

Jeitinho, herança, necessidade essa que se estenderá por toda a Ibero-América, e que, se por vezes manifestar-se-á no oprimido como malandro, manifestar-se-á também no opressor como caudilho ou ditador totalitário no arbítrio único de seu personalismo. Esta parece que será a sina daqueles que nascerem deste nosso concerto social: cada um por si e Deus contra todos – está lá, no Macunaíma.

Da Península Ibérica vem o *Lazarillo de Tormes*, livro pouquíssimo difundido no Brasil, mas cuja gênese é das mais profícuas. Esse personagem, tido como o primeiro dos pícaros, nasce no século XVI, no rio Tormes, próximo a Salamanca, e, de miséria em miséria, de burla em burla, desde a infância, passa por vários amos – é sucessivamente ajudante de cego, de padre, de escudeiro, dentre outros –, perambulando pela Espanha quinhentista e absolutista de Carlos V, sempre dando um jeitinho para fugir da fome que lhe rói até o espírito. Chega a Toledo, então a capital do império, e logra, depois de muitas desventuras, *medrar*: consegue um emprego público de pregoeiro das causas e delitos de açoitados e enforcados, está corno, mas já não passa fome.

Lázaro, personagem provoca-

dor de um riso seco e triste, que depois ecoará mais alto em Dom Quixote, terá muitos sucessores na América e alhures, sem que no entanto se consiga categorizar o pícaro ou tampouco enquadrar os tipos num modelo prévio. Porque embora sejam fruto de situações semelhantes e apresentem certas características comuns – a esperteza, a argúcia, e uma certa tendência à sátira –, suas peripécias e objetivos não se reduzem ao denominador comum. Quem vir o filme *Iracema, uma transa amazônica*, de Jorge Bodanski, encontrará não um pícaro, mas uma pícaro: Iracema, menina-moça egressa das populações ribeirinhas, chega a Belém na festa de Nossa Senhora, e logo se mistura à população. Daí associa-se a vários homens, principalmente o caminhoneiro vivido por Paulo César Pereio; os dois personagens se cruzam umas tantas vezes no decorrer de suas peripécias. No final, Iracema, mais velha, está largada num prostíbulo ínfimo à beira de uma estrada que liga nada a lugar nenhum. O filme traz como pano de fundo a estrada Belém-Brasília e faz uma espécie de documentação da chegada do progresso e de suas mazelas. Inclusive a personagem-título parece não ter feito carreira de atriz, sendo, ela mesma, personagem de sua própria realidade.

Outro personagem histórico picarescamente retratado é Galvez, imperador do Acre, do romance homônimo de Márcio Souza. Galvez é um espanhol aventureiro que, na fase áurea da exploração da borracha na Amazônia, apoiado extra-oficialmente pela aristocracia paraense e por um exército imprestável, formado por jornalistas, intelec-

tuais, bêbados, dançarinas de cançã, sobe o Amazonas e toma a vila de Rio Branco, proclamando a independência do Acre e se auto-proclamando imperador do Acre. Depois de semanas de tremendas bebedeiras e orgias, é deposto e expulso de seu império pelo exército boliviano. Galvez, já velho, em Espanha, narra sua epopéia sem que ninguém lhe dê crédito.

Entre os extremos desses dois tipos aventureiros, o excluído e o caudilho, grassa na literatura brasileira, para não dizer na da América Latina, grande galeria de personagens. De *A pedra do reino* emerge Dom Pedro Diniz Quaderna, o Decifrador, mistura de tipos em que predominará a esperteza do pícaro. João Grilo e Chicó, do *Auto da compadecida*, típicos ajudantes ou serviçais, são muito aproximados ao tipo ibérico, como de resto toda a obra de Suassuna, que corre no leito da cultura peninsular.

Emigrados com as caravelas, vieram ressurgir no sertão do Nordeste, entre outros, João Grilo e Canção de Fogo, a princípio figurantes dos romances de viola, mais tarde fixados em letra e imagem pelo cordel. Do folclore peninsular erra pelo Brasil também Pedro Malasartes – o Pedro Urdemales espanhol –, mas este forjado nos moldes do bufão medieval, com seu entendimento exagerado, grotesco mesmo, da realidade.

O pícaro certamente está aparenta-

do com o bufão medieval, mas se o bufão está preso às cortes e à opressão feudal, o pícaro adapta-se aos novos tempos, às novas condições que a modernidade traz: em vez de feudalismo, absolutismo; em vez de escolástica, contra-reforma. O pícaro, sobretudo, será filho de seu meio, tanto na península quanto na América: surge sob o regime da opressão social e da falta de perspectivas, sempre percorrendo o edifício social e procurando as pequenas brechas onde aproveite sua argúcia.

Embora Lazarillo de Tormes já inaugure uma certa urbanidade, tipos mais citadinos serão o espanhol Dom Pablo (*Historia de la vida del buscón*, em português, *O gatuno*, na tradução de Eliane Zagury), de Francisco de Quevedo e, no Brasil, indubitavelmente, o Leonardo, que surge a partir de 1852, nos jornais, com a publicação de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. E nesse momento América e Península Ibérica se distanciam, pois enquanto Dom Pablo seja mesmo uma espécie de gatuno (ainda que ao final este emigre para a América), Leonardo será



da estirpe do malandro genuinamente brasileiro. Certamente ambos são pícaros, cada qual a seu modo e de acordo com o que a situação se lhes apresenta. Entretanto, enquanto alguns estão preocupados com sua fome ou sua posição social,

Leonardo está mesmo é interessado em patuscadas, travessuras, e nos seus amores. Ao final, Leonardo também se arrimará ao Estado (que o perseguia na figura do major Vidigal), tornando-se parte das fileiras do delegado.

Talvez afinal não se devesse falar de pícaro, mas de um modo de ação picaresco, porque é nisso que estes e outros tipos encontram sua unidade. Dizem alguns que “pícaro” viria do espanhol *pícaro*, o que seria revelador de sua origem hispânica e também subalterna: lá se diz *pícaro de cocina*, ajudante de cozinha. Advindo de classes servis, e servindo a outros escalões sociais, o pícaro terá esse distanciamento necessário para a sátira ou para a crítica social. Outro aspecto é a notável descrição da vida cotidiana e de época que emerge de sua narrativa personalíssima, a tal ponto que a Rua acaba, muitas das vezes, suplantando, como personagem, o personagem principal – no caso do *Lazarillo*, ultrapassa até a Fome!

E assim, olhando para a Antigüidade, encontraremos vários de seus predecessores, no *Satiricon* de Petrônio, no *Asno de ouro* de Apuleio, nos *Diálogos* de Luciano, na comédia greco-latina. Basta isso para se pensar que mais justo fosse dizer presença da tradição mediterrânea entre nós, do que apenas ibérica, tradição que Ariano Suassuna apontará como patrimônio dos “povos morenos”. A derivação do tipo chega até os dias de hoje, nos nossos melhores malandros citadinos, na figura de um Noel Rosa e até de um Madame Satã, personagens de carne e osso mesmo, tão representativos da malandragem carioca,



da Lapa, do caldeamento das raças e das culturas, e que têm no mulato a sua efígie, e no choro e no samba a sua banda sonora – cujos primórdios, aliás, estão registrados nas *Memórias...*, de Manuel Antônio de Almeida.

Não esqueçamos do Dino, personagem de Hugo Carvana em *Vai trabalhar, vagabundo*, que passa o filme todo lembrando-se e procurando seguir – como melhor lhe parece – o conselho do guarda, logo no início do filme, à saída da cadeia: “Dino, é preciso aproveitar as coisas boas da vida”. Porque a primeira coisa que Dino, em liberdade, fará é parar num boteco e pedir: “Me dá meia hora de cerveja!”

